

APRESENTAÇÃO

O número 17 da *Revista Interfaces* congrega trabalhos originais que discutem a pesquisa de fontes nas áreas de Arquitetura, Artes, Letras e Música, em acervos nacionais e internacionais. Os ensaios que apresentamos ao leitor percorrem um rico arco de propostas e leituras do tema, que trazem perspectivas e novos caminhos para a pesquisa documental, de caráter interdisciplinar.

Na primeira seção, que versa sobre a pesquisa de fontes em diversos centros de documentação, o Professor Jean-Yves Mollier, Diretor da Escola doutoral Cultura, Regulações, Instituições, Territórios (CRIT) da Universidade de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, na França, abre o número, retrazendo o percurso histórico das relações entre o autor, no sentido moderno do termo, e o editor, com as transformações dos manuscritos em livros e, mais tarde, das editoras em verdadeiras empresas. O ensaio “*La genèse du couple auteur-éditeur ou ‘au commencement était l’auteur...*” conclui com algumas indagações sobre o futuro do livro e as bibliotecas digitais, as quais desestabilizam, na contemporaneidade, um sistema que se instalara na era moderna e modificam, sensivelmente, não apenas nossas práticas de leitura, mas os sistemas de produção e circulação dos livros.

O pesquisador Marcelo Moreschi, em “Autodocumentação, arquivo e experiência: o Fundo Flávio de Carvalho/CEDAE”, descreve um fundo documental multifacetado que desloca a questão do livro para o periódico, ao compor uma hemeroteca autodocumental que, embora lacunar, desafia em sua diversidade midiática o pesquisador e o crítico, na interpretação dos processos criativos do autor. O Professor Geraldo Ramos Pontes Junior, em “Do acervo de dramaturgia e da pesquisa de corpus no teatro francófono: diversidade de fontes e manifestações”, discute a inserção de acervos de teatro nas bibliotecas da área de Letras, a partir de uma pesquisa realizada em acervos no Brasil e na França, e em especial na biblioteca Gaston Baty. O ensaio provoca uma reflexão necessária sobre os novos modos de diminuir a distância entre o registro de encenações e o livro, trazidos pelo mundo virtual e suas bibliotecas digitais, que implicam em fragmentação e exigem que se renovem parâmetros de catalogação e referência.

A importância das edições fac-similares de periódicos não deve ser minimizada, na pesquisa de fontes. O ensaio “Vida literária em *O pão da Padaria Espiritual*, Fortaleza, 1892-1896” do Professor Leonardo Mendes, reatualiza nosso olhar sobre a intensa circulação de ideias, livros e periódicos entre escritores de

diferentes centros de produção literária, no periódico *O pão*, publicado de 1892 a 1896, pelo grupo de autores cearenses da Padaria Espiritual. O percurso cultural e esteticamente inovador desses escritores, que se dedicaram intensamente a reunir acervos de impressos, publicados na França, na Inglaterra, em Portugal e no Brasil, nos últimos trinta anos do século XIX, com os quais dialogam em sua produção literária e jornalística, encontra-se disponível em uma edição fac-similar dos trinta e seis números do periódico, publicada pela Universidade Federal do Ceará, graças a uma parceria com a Prefeitura de Fortaleza e a Academia Cearense de Letras.

Em “Fontes para uma história do paisagismo: Glaziou na coleção fotográfica do imperador”, a pesquisadora Ana Pessoa, diretora do Centro de Memória e Informação da Fundação Casa de Rui Barbosa, descreve o site *Glaziou, o paisagista do Imperador*, pela Casa de Rui Barbosa, centro de referência para documentação e pesquisa do Rio de Janeiro, em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que detém a coleção fotográfica que pertenceu ao imperador D. Pedro II. Os registros fotográficos das realizações paisagísticas do botânico francês Auguste François Marie Glaziou atestam a importância atribuída pelo imperador, desde sua juventude, a essa técnica de documentação histórica e registro de memória, assim como o espaço conquistado, em seu tempo, pela fotografia de paisagem.

Irineu Eduardo Jones Corrêa, pesquisador da Fundação Biblioteca Nacional, em “A biblioteca como fonte: papéis do imaginário e notas sobre a memória de bibliotecas nacionais e públicas”, conclui esta primeira seção, narrando o processo histórico da formação das bibliotecas nacionais ocidentais e discutindo sua relação com os símbolos do poder político. As bibliotecas nacionais, ao projetar a imagem de depositárias da memória cultural de uma nação, constituem um espaço privilegiado para a pesquisa de fontes, ilustrando exemplarmente o fascínio humano por registrar realizações e conservar tais registros, traço que as aproximaria dos museus.

É precisamente o ensaio “Repensando o papel dos acervos históricos e artísticos num museu universitário: o caso do Museu D. João VI da Escola de Belas Artes da UFRJ”, de autoria da Professora Sonia Gomes Pereira, sobre um museu que é o depositário de nossa primeira memória de nação independente, que abre a seção em que são apresentados alguns dos mais importantes acervos documentais do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O Museu D. João VI reúne parte da coleção da antiga Academia Imperial de Belas Artes, mais tarde Escola Nacional de Belas Artes, aquela de caráter mais didático. Graças ao *Projeto de Revitalização do Museu D. João VI*, realizado com o patrocínio da Petrobrás, o Museu D. João VI pode preservar e colocar ao alcance dos estudiosos um

patrimônio de fontes primárias sobre a arte brasileira dos séculos XIX e XX, disponível inclusive no site www.museu.eba.ufrj.br. A ensaísta propõe uma oportuna discussão sobre o lugar e a função de um museu universitário, no atual contexto brasileiro de políticas públicas culturais, e destaca o impacto de seu modo inovador de organizar o acervo, de acordo com o conceito de coleções, nos caminhos da pesquisa.

A Professora Vanda Bellard Freire, no ensaio *Memória musical e arquivos*, discute as dificuldades enfrentadas, no Brasil, para que se conservem e organizem acervos de música, projetando-os como fontes primárias de pesquisa, o que implica na integração das áreas de musicologia, arquivologia e biblioteconomia. A ensaísta confere destaque ao Arquivo de Manuscritos Musicais da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que também se origina no século XIX, e ao Projeto Registro Patrimonial de Manuscritos da Biblioteca Alberto Nepomuceno, por ela desenvolvido, e propõe uma reflexão de cunho teórico-metodológico, ressaltando o valor social dos arquivos. Entre os resultados da pesquisa, a professora enfatiza a correção da estimativa do acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno, de 10.000 para 14.000 manuscritos musicais, a redescoberta do gênero musical “mágica” e de material que faculta um novo modo de olhar a música oitocentista no Brasil.

A Professora Maria Clara Amado Martins dialoga com os ensaios anteriores em “O Núcleo de Estudos de Arquitetura Colonial Sandra Alvim e a memória do ensino da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro”, descrevendo o processo de constituição do acervo do NEAC, que preserva registros de memória iconográfica e documental do ensino da Faculdade de Arquitetura, ao reunir três acervos, com cerca de 2.000 peças, e fomentar pesquisas interdisciplinares, em seminários, cursos e colóquios internacionais. A ensaísta apresenta mais detalhadamente o Acervo do Professor Emérito Wladimir Alves de Souza, da FAU-UFRJ, antigo catedrático de Teoria da Arquitetura, que tem permitido reconstruir a história da arquitetura moderna, no Brasil, assim como um trabalho de abertura para cidades e núcleos urbanos, que estende a pesquisa universitária, propiciando a preservação de nosso patrimônio arquitetônico.

Em “Fontes para o estudo da indumentária: o Centro de Referência Têxtil/Vestuário”, a Professora Maria Cristina Volpi nos apresenta outro acervo da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, formado por amostras de tecidos, vestuário, acessórios e banco de imagens, cuja materialidade inscreve registros de memória da vida social. Esse acervo tem favorecido o desenvolvimento de pesquisas voltadas para a historiografia de nossa indumentária, campo de investigação ainda raro, no Brasil. Esta seção se encerra, retomando o tema do

acervo manuscrito e impresso, tal como é desenvolvido no âmbito da Biblioteca José de Alencar, da Faculdade de Letras.

Os Professores Eduardo de Faria Coutinho, Eleonora Ziller Camenietzki, Diretora da Faculdade de Letras, e Eduardo Coelho, em “A Biblioteca José de Alencar e novos modos para ver e viver com seus acervos”, apresentam alguns projetos vinculados a esta Biblioteca, a maior da América do Sul na área de Letras, que já ultrapassa a marca de 400.000 livros, incluindo-se 8.500 obras raras autografadas e 67.000 periódicos. Merecem destaque a Coleção Celso Cunha, o Museu de Língua e Literatura, composto de obras raras, e o Centro de Estudos Afrânio Coutinho, com livros, documentos e material iconográfico pertencentes ao acervo do Professor e Acadêmico Afrânio Coutinho; e mais recentemente, recebido em regime de comodato, o acervo que pertenceu ao dramaturgo Augusto Boal.

Se nos reportarmos ao que se entende hoje por patrimônio, vemos que a palavra e o conceito *migram*, na França, do âmbito das instituições religiosas, em que designavam os bens materiais da Igreja, que eram transmitidos e deviam ser preservados, para passar a designar, em pleno romantismo francês, esses mesmos bens, expropriados pela Revolução francesa. Tais bens, pertencentes ao rei, à nobreza e à Igreja, foram, mais tarde, em parte, restituídos a seus proprietários, em parte nacionalizados. Foi-lhes atribuído, então, um valor de identificação cívica; abadias, castelos, quadros, estátuas, vasos, jardins, livros são associados a uma identidade nacional.

Somos tributários dessa concepção, que pressupõe que tais bens materiais sirvam de suporte para a elaboração das narrativas de nosso passado, constituindo, assim, parte integrante de nossa memória nacional. Os acervos do Centro de Letras e Artes fazem da Universidade Federal do Rio de Janeiro a herdeira e a guardiã desses bens e dessa tradição romântica, e conferem a nossos pesquisadores uma posição privilegiada para o desenvolvimento de pesquisas e a produção de novos conhecimentos. Mas, acima de tudo, temos uma responsabilidade institucional no que se refere ao registro, à guarda, à conservação desses acervos, de modo que possam estar disponíveis para sua fruição e, sobretudo, para a pesquisa.

A riqueza e a diversidade dos ensaios deste número da *Revista Interfaces* atendem com excelência aos propósitos da Coordenação de Integração dos Programas de Pós-graduação do Centro de Letras e Artes, de conferir maior visibilidade a seus acervos, favorecer o contato entre pesquisadores e o aumento dos grupos integrados de pesquisa, e estimular parcerias com pesquisadores de outros centros, vinculados a universidades brasileiras e estrangeiras.

Os Editores